SER CRIATIVO
o poder da improvisação na vida
e na arte.

Stephen Nachmanovitch
Summus, 1993

NACHMANOVITCH, Stephen. Ser criativo: o poder da improvisação na vida e na arte. São Paulo: Summus, 1993. 189p.

O Fantasma da Crítica

Each man is in his spectre's power
Until the arrival of that hour
When his Humanity awake
And cast his spectre into the lake.
WILLIAM BLAKE

Quando o processo criativo entra em pane, sentimos uma insuportável sensação de aprisionamento, que é a antítese daquele estado de espírito alerta e brilhante a que nos referimos como "desaparecer". Em vez de experimentar uma concentração relaxada e energética, nos atiramos avidamente sobre qualquer coisa que nos distraia, por mais trivial ou ridícula que seja; nos cansamos facilmente; quando olhamos para trás, nada no nosso trabalho nos agrada; nossas pálpebras pesam, nosso olhar se embaça, as células de nosso cérebro parecem paralisadas.

A pessoa criativa pode ser vista como a incorporação ou a expressão de duas personagens interiores: a musa e o revisor. São o piloto e o navegador do capítulo anterior vistos sob um ângulo diferente. A musa propõe e o revisor dispõe. O revisor critica, dá forma e organiza o material bruto gerado no livre jogo da musa. Mas se o revisor preceder a musa em vez de segui-la, teremos problemas. Se o artista julga seu trabalho antes que haja algo a julgar, ocorre um bloqueio ou uma paralisia. A musa é criticada antes mesmo de se manifestar.

Se o artista perde o controle, a crítica interior assume o papel de um pai severo e punitivo. Trata-se de um fantasma inibidor que ceifa a vida de muitos artistas, uma força invisível, judiciosa, opressora que parece se interpor em nosso caminho.

Assim que brota de sua fonte misteriosa, a obra de arte se torna objetiva, algo que se pode ouvir, avaliar, explorar. Em arte, estamos continuamente julgando nosso trabalho, acompanhando conti-

nuamente as configurações que criamos e deixando que nossas críticas realimentem esse contínuo desenvolvimento. A música é autocontroladora, auto-reguladora e autocrítica. É assim que criamos arte e não o caos; é assim que a evolução gera um organismo e não uma junção aleatória de átomos de carbono, nitrogênio, oxigênio, hidrogênio, sódio, enxofre etc.

Mas existem dois tipos de crítica: a construtiva e a obstrutiva. A crítica construtiva ocorre paralelamente no tempo da criação, na forma de um *feedback* contínuo, uma espécie de trilho paralelo consciente que facilita a ação. A crítica obstrutiva atua perpendicularmente à linha de ação, interpondo-se antes (bloqueio) ou depois (rejeição ou indiferença) da criação. A habilidade de uma pessoa criativa está em ser capaz de perceber a diferença entre os dois tipos de crítica e cultivar a crítica construtiva.

Isso significa perceber a diferença entre dois tipos de tempo. O contínuo relacionamento entre a crítica construtiva e o trabalho criativo oscila numa velocidade mais rápida que a da luz: ocorre no não-tempo (eternidade). Os dois parceiros, musa e revisor, estão sempre em sincronia, como um par de bailarinos que se conhecem há muito tempo.

Quando a crítica é obstrutiva, e se interpõe perpendicularmente ao fluxo de nosso trabalho em vez de correr paralela a ele, nossa visão de tempo se fragmenta em segmentos, e cada segmento é um possível ponto de parada, uma oportunidade para que a confusão ou a dúvida entrem em cena sorrateiramente. Apreciar ou rejeitar nosso trabalho por mais do que um minuto pode ser perigoso. A voz do fantasma julgador logo pergunta: "É bom o suficiente?". Mesmo que tenhamos criado algo realmente estupendo, mais cedo ou mais tarde vamos ter que repetir o desempenho, e o juiz interior voltará a se manifestar: "Dificilmente vai sair melhor do que da última vez". Portanto, até um grande talento pode ser um fator de bloqueio da criatividade. Tanto o sucesso quanto o fracasso podem detonar essa voz interior.

A maneira mais fácil de fazer arte é renunciar a qualquer expectativa de sucesso ou fracasso e simplesmente ir em frente.

Como escreveu Seng-Tsan no século VIII: "O Caminho (o Grande Tao) não é difícil, basta evitar a seleção".[40] Em outras palavras, basta evitar parar a todo momento para fazer uma opção e escolher cuidadosamente um caminho. Mas, como sempre, a teoria na prática é outra. Vivemos assaltados pelas pressões do desejo, da aversão, da vacilação e de todas as emoções aflitivas que os acompanham. As emoções aflitivas incluem a inveja, a raiva, a cobiça e a presunção, mas sua raiz — como a raiz do vício, da protelação e de outras formas de bloqueio — é o medo.



Os budistas falam dos Cinco Medos que nos assaltam e impedem nossa liberdade: o medo de perder a vida; o medo de perder os meios de sobrevivência; o medo de perder a reputação; o medo dos estados alterados de consciência e o medo de falar em público. O medo de falar em público parece um tanto idiota comparado com os outros, mas, para os propósitos da livre expressão criativa, é fundamental. Podemos lhe dar vários nomes: "medo de dizer o que pensa", "medo do palco", "bloqueio da escrita" e outros nossos velhos conhecidos. Está profundamente ligado ao medo do ridículo, que tem duas faces: o medo de ser julgado idiota (medo de perder a reputação) e o medo de realmente ser idiota (medo dos estados alterados de consciência).

Vamos acrescentar o medo dos fantasmas. Um dos fatores que bloqueiam a criatividade é a sensação de esmagamento diante de pais, autoridades, professores ou grandes mestres. O afastamento do verdadeiro *self* geralmente nasce da comparação ou da inveja de um ser idealizado (pai, amante, professor, herói). Os gênios ou heróis nos parecem metas inatingíveis. São personalidades tão espetaculares, tão superiores a nós que o melhor é manter a boca fechada. Tememos não só os fantasmas de pais ou professores, mas também dos grandes criadores do passado. Assim como Brahms tinha medo de não conseguir se igualar a Beethoven, um compositor contemporâneo tem

medo de não se igualar a Brahms. Brahms levou vinte e dois anos para terminar sua primeira sinfonia porque vivia perseguido pelo fantasma de Beethoven. Em 1874, escreveu ao amigo Herman Levi: "Você não imagina o que é se sentir perseguido por esse gigante!".

É ótimo se sentar no ombro de um gigante, mas jamais permita que um gigante se sente no seu ombro. Não haverá espaço para ele balançar as pernas.

É assim que nasce o perfeccionismo e sua horrível irmã gêmea, a protelação. Queremos fazer tudo, ter tudo, ser tudo. O perfeccionismo é uma prisão pior do que outras formas de bloqueio. Ele nos coloca face a face com o nosso monstro julgador, e, como provavelmente não podemos vencê-lo, nos refugiamos, apavorados, na protelação. Criamos um antídoto improdutivo para essa inveja: fantasias de onipotência ou de sucesso fabuloso ou, no pólo oposto, fantasias de sermos vítimas do destino ou da má sorte.

Outro fantasma é o medo de ser julgado arrogante ou fora do comum. Na escola, nossos colegas nos ensinam que, se nos destacarmos intelectualmente ou artisticamente, estamos condenados ao isolamento. O medo do sucesso pode ser tão forte quanto o medo do fracasso. Os pais muitas vezes alimentam esse medo, encorajando a criança a se destacar, mas apenas dentro de limites aceitáveis. A criança tem medo de se expressar de uma maneira pessoal e original e por isso não ser amada ou aceita. Infelizmente, quase sempre isso não é apenas um medo, mas uma realidade.

Também podemos viver cercados por múltiplos fantasmas de nós mesmos, todas as pessoas que poderíamos ter sido se a vida tivesse tomado um rumo diferente, tudo o que poderíamos ou deveríamos ter feito. Todos nós nos infligimos essa tortura de tempos em tempos. O que pode nos salvar é a compreensão de que a verdadeira criatividade nasce da *bricolage*, de trabalhar qualquer material estranho que nos caia nas mãos, incluindo todo o sortimento de seres excêntricos que nos rodeiam.

Por maior que seja o sucesso alcançado, temos medo de que os outros nos julguem um fracasso. Quando me dedicava à atividade de professor, muitas vezes me vi diante de uma classe lotada de estudantes, cada um deles julgando ser o único a não ter compreendido uma questão e com vergonha de revelar sua ignorância. O medo de parecer tolo e de cometer erros se alimenta do mesmo sentimento primitivo que todos nós aprendemos na infância: a vergonha. Quando, num dado momento, alguém resolvia falar, logo uma segunda pessoa se sentia segura para dizer "Pensei que era a única a me sentir assim". Então, todos os demais acabavam revelando sentimentos semelhantes. Apenas quando todos finalmente se sentiam totalmente

à vontade e conscientes do fato de que eram igualmente ignorantes, podiam começar a partilhar o aprendizado com seriedade.



O fantasma da crítica geralmente aparece sob a forma de algum impedimento externo que envolve dinheiro, moda, fatores políticos ou a aparente indiferença do mundo para com a expressão criativa. Mesmo nossos entes queridos podem assumir esse papel. Sentimo-nos vítimas de circunstâncias que escapam ao nosso controle, de um destino malévolo, de um rival, de algum mesquinho tirano que entrou em nossas vidas. Nessas ocasiões, a força do prazer e do divertimento parece se extinguir de imediato. O fim da infância é o encontro com a "dura realidade" — esta é a origem de nossos mitos sobre a perda do Paraíso. A dura realidade se apóia no medo da crítica, no medo do fracasso e na frustração: são as defesas sociais contra a criatividade.

Percebemos agora que, até certo ponto, podemos identificar esse fantasma misterioso nos hábitos arraigados que se concretizam no que chamamos ego. Esse fantasma é o que os psicanalistas chamam de introjeção — ou melhor, a soma de todas as introjeções. É a interiorização automática das vozes julgadoras de nossos pais ou de outras pessoas, que nos fazem duvidar se somos suficientemente bons, suficientemente espertos, se temos o tamanho adequado ou a forma correta; e também das vozes que nos dizem quem deveríamos ser e o que gostaríamos de ter. Tanto a esperança quanto o medo são produto do fantasma da crítica. À medida que nos tornamos adultos, certas injunções dessas vozes aferram-se a nós, e assim o "eu" ou pequeno ser vai sendo construído camada por camada. O fantasma está sempre de olho no número 1. Ele se preocupa com a sobrevivência, com a competição e com o orgulho. Os sufis o chamam *Nafs* e afirmam que ele existe dentro de cada um de nós; muitas das práticas sufis visam subjugá-lo e domesticá-lo. Blake chamava o fantasma da crítica de Urizen — de "*your reason*", sua razão —, a zelosa força racional que não é domada pelo amor, pela imaginação e pelo humor. A principal (e única) arma de Urizen é o medo. Quaisquer

que sejam as circunstâncias de nossa vida, esse medo é alimentado internamente, imposto por uma parte de nós a outra parte de nós. O fantasma da crítica personifica esses medos e lhes dá uma face familiar — talvez na forma do pai, do professor, do chefe, do tirano político. É extremamente fácil para nós exteriorizá-lo, coisificá-lo, transformá-lo no Outro ou no Inimigo, procurá-lo fora de nós, em todas as coisas ou pessoas que possam estar nos deprimindo, atravessando nosso caminho. Podemos passar a vida inteira procurando-o fora de nós e culpando tudo e todos pelas frustrações que bloqueiam nossa voz criativa. Sob tais circunstâncias, pode se tornar um fardo insuportável dizer qualquer coisa. Vemo-nos presos pelos nós dos paradoxos, procurando a entidade que está nos bloqueando. É o mesmo que procurar fogo com um fósforo aceso.